

Madeline Hunter
As Regras da Sedução

Traduzido do inglês por
Isabel Alves

Uma sombra entrou em casa com o visitante matinal. Alexia pressentiu complicações ainda antes de ver quem chegara.

As vozes murmuradas no átrio de entrada levaram-na a deter-se nas escadas ao descer com o cesto de costura. Ouvia um tom firme de exigência, ainda que não distinguisse as palavras. Ouvia a ineficácia da resistência deferente do criado. Foi chamado Falkner, o mordomo. Confrontadas com um poder determinado e sereno, as forças domésticas retiraram-se.

Alexia sentiu uma premonição, como na ocasião em que os homens chegaram para informar a família sobre Benjamin. Conhecia demasiado bem a sensação para ignorar a advertência. As más notícias mudam o mundo num instante. Mudam o ar. O coração humano pressente a chegada do sofrimento como um cavalo a aproximação de uma tempestade.

Não foi capaz de se mexer. Esqueceu-se completamente de que levava o cesto de costura para o jardim para se juntar às primas.

Viu um par de pernas caminhar ao seu encontro. Pernas altas, de calças pretas e botas de qualidade. Seguiam o mordomo em direção às escadas. Falkner arvorava a expressão de um criado que recebera ordens de um rei.

Surgiu o tronco do visitante, seguido dos ombros e de uma cabeça escura. Como que sentindo-se observado, ele levantou os olhos para ela no patamar.

Alexia compreendeu imediatamente a submissão de Falkner. A estatura, rosto e porte do visitante eram capazes de intimidar mesmo que não se conhecesse a superioridade da sua posição social. O cabelo escuro, revoltado, como se naquela manhã tivesse ignorado a escova, emoldurava um rosto atraente, poderoso e cinzelado. Sinais de fadiga turvavam os seus olhos de um azul profundo. Uma paciência forçada crispava o seu maxilar quadrado e a boca rígida. Lord Hayden Rothwell, irmão do quarto marquês de Easterbrook, apresentava a imagem de um homem fatigado, determinado em cumprir uma tarefa desagradável. Não era necessário dizer que não viera em resposta aos muitos cartões de visita que Timothy deixara em casa de Easterbrook durante o último ano.

Ao acercarem-se dela, Falkner captou o seu olhar e comunicou a consternação que sentia. O mordomo adivinhava igualmente a tempestade.

Lord Hayden deteve-se no patamar e fez-lhe uma vénia impercetível. Fora-lhe apresentada uma vez mas ele não lhe dirigira a palavra. Erguendo a cabeça, os seus olhos percorreram-na de alto a baixo. A avaliação foi tão completa, tão estranhamente interessada, que ela sentiu o calor assomar-lhe ao rosto.

Os traços da cara dele recompuseram-se vagamente. Como uma estátua que tivesse ganho vida, o seu olhar tornou-se afável e a sua boca relaxou. Subtilmente, a compaixão adoçara-o.

Num ápice, a sua atitude austera restabeleceu-se e aboliu a afabilidade, mas ela vira o suficiente para se lhe apertar o coração. Reconheceu piedade no olhar que ele lhe lançara. Sim, a chegada deste homem não anunciava nada de bom.

– Vai levar Lord Hayden para a sala de visitas ou para a biblioteca, Falkner? – Estava a ser demasiado arrojada mas não se importou. Ao longo dos anos aprendera que antecipar más notícias era muito pior do que ouvi-las. Não tencionava esperar submissamente, cheia de aflição.

– Para a sala de visitas, Miss Welbourne.

Lord Hayden adivinhou as suas intenções.

– Por favor, não incomode Miss Longworth por minha causa. Esta visita não é de natureza social.

– Não a mandaremos chamar se é essa a sua vontade. No entanto, Mr. Longworth poderá demorar algum tempo a atendê-lo. Podemos pelo menos olhar pelo seu conforto.

Não esperou por aprovação, rodando nos calcanhares e indicando o caminho para o segundo andar.

Pousou o cesto de costura na sala de visitas e, como prometido, começou a tratar do conforto do visitante. Assumiu o papel de anfitriã, contra o desejo dele.

– Está involgarmente ameno para o mês de janeiro, não acha? – perguntou, depois de ele aceder a sentar-se no novo divã de motivos azuis. – Até agora o dia tem estado divinal.

Ele franziu impercetivelmente as sobranceiras perante a infeliz tónica que ela colocou na expressão «até agora».

– Sim, os últimos dias têm estado quentes para a época – disse ele.

– Acho estes dias cruéis, por mais prazer que me deem.

– Cruéis?

– Levam-nos enganadoramente a pensar que a primavera vem aí quando ainda temos meses de frio e chuva à nossa frente.

Por um segundo, um brilho maroto assomou aos olhos dele.

– Podem ser enganadores mas eu prefiro saborear o prazer e pensar no frio quando ele chegar.

Quase soou indecente a forma como compôs a frase. Ela mudou de assunto com uma observação sobre as férias recentes. Ele concordou com tudo o que ela dizia. Um pouco hesitante, ela encetou uma conversa desajeitada.

Via que o pensamento dele estava noutra parte. Estava no seu encontro com Timothy. A atmosfera na sala tornava-se cada vez mais pesada com a ruína iminente que este homem anunciava.

Chegou um momento em que não aguentou mais.

– O meu primo está doente, Lord Hayden. Pode não ser capaz de se recompor o suficiente para recebê-lo. Esta conversa não pode ficar para outro dia?

– Não.

Foi tudo quanto conseguiu arrancar-lhe. Essa palavra, falada num tom neutro, simples e firme.

Ele desviou os olhos, sem se fixar em nada. Estava constantemente a fazer isso, como nas escadas. Pensou se ele acharia a sua companhia pretenciosa. Não era a dona da casa mas simplesmente uma prima. Já que ele recusara informar Roselyn da sua visita, teria de se contentar com uma segunda escolha, mas a culpa não era dela.

– Talvez se levasse ao meu primo uma mensagem sobre o propósito da sua visita, ele...

As palavras morreram-lhe nos lábios quando ele a fixou, obrigando-a a desviar os olhos, à maneira de um vigário que silencia uma criança irrequieta na igreja.

Também não gostou da expressão dos seus olhos que diziam que percebia as suas intenções. Hayden Rothwell tinha a reputação de ser genial, brusco e arrogante. Até agora não podia discordar dessa apreciação.

Mas, por outro lado, não tinha abordado esta auscultação com muita habilidade. Experimentou uma tática diferente. Sendo ele conhecido pela sua sagacidade nas finanças, desviou a conversa nesse sentido, na tentativa de o tornar mais recetivo a outras perguntas.

– Teve notícias da City hoje, Lord Hayden? A crise na banca continua?

– Receio que vá continuar por mais algum tempo, Miss Welbourne. É o normal nestas situações de pânico.

– Creio que tem relações com o banco do meu primo. Espero que esteja tudo bem aí.

– Há uma hora, quando saí da City, o Darfield & Longworth ainda estava solvente.

– Graças a Deus. Não houve então corrida aos depósitos? Com tantos outros bancos a enfrentá-las, tenho sentido preocupação.

Assomou aos olhos dele uma expressão de divertimento, enigmática e severa.

– Não, não houve nenhuma corrida aos depósitos do banco.

Ela sentiu-se aliviada. Haviam falido vários grandes bancos londrinos no mês anterior. Abundavam nos jornais as notícias sobre pequenos bancos de província vitimados pelo efeito de vaga da insolvência. Onde quer que se fosse, apenas se ouviam histórias de falência, ruína e bancarrota. Suspeitava que a doença actual de Timothy fora causada pelas preocupações com o futuro do seu banco.

– Tem lá fundos? – Ele pareceu genuinamente interessado.

– Uma ninharia. Estou preocupada com os meus primos.

Conseguira prender-lhe a atenção com as suas perguntas de natureza financeira. Com extraordinária facilidade. Ele voltou a examiná-la, desta vez mais demoradamente, com uma arrogância casual que sugeria que tinha direito a essa impertinência quando outros homens de inferior importância não tinham. Era o exame de um homem que conhecia bem o seu valor e que, em resultado, se considerava dispensado de etiqueta.

A sua atenção demorou-se intensamente nos olhos dela, absorvendo-a tão completamente que ela teve de pestanejar para retomar o fio do pensamento. Lenta e deliberadamente, assimilou o resto da sua figura. Ela sentiu o calor nas faces e uma inquietante vivacidade arrepiou-lhe a pele. Ele perturbava-a profundamente, de um modo que lembrava outra perturbação causada, anos antes, pelo olhar de outro homem.

Embaraçava-a a sua própria reação. Não se considerava uma mulher sensível aos encantos de um homem atraente. Não era uma rapariga tonta como a jovem Irene. Repreendeu-se em silêncio por se comportar como uma solteirona parva, grata pela atenção de um homem.

Nada na expressão dele indicava que notara o seu constrangimento. Tão-pouco ela alimentava a ilusão de que o seu interesse era *deixa* índole. Sabia o que ele estava a pensar. Com o seu cabelo castanho e feições banais, não era propriamente uma beldade. Certamente não lhe escapava o facto de a falta de recursos afetar também a sua aparência. O seu velho vestido não estava apenas fora de moda

mas fora discretamente remendado. Suspeitava que ele via até os pontos mais discretos.

– Miss Welbourne, creio que fomos apresentados na missa fúnebre do Benjamin – disse ele. – É a prima do Yorkshire, não é verdade?

Uma picada de horror feriu o seu amor-próprio. Ele entrara na sala de visitas sem saber quem ela era. Se não se recordava que haviam sido apresentados, devia ter estranhado as atenções que lhe dispensou, bem como o tom arrojado da sua conversa.

Uma sombra de irritação sucedeu-se ao choque momentâneo. Não era com ele que se sentia furiosa embora, de qualquer modo, ele também tivesse despertado nela uma certa fúria. Era causada pela situação que a tornava tão pouco memorável.

– Sim, conhecemo-nos na missa fúnebre do Benjamin. – O nome e a referência invocavam um eco de dor passada. Uma missa fúnebre sem funeral. O corpo de Benjamin não se encontrava em Inglaterra mas perdera-se no mar. Ele partira de Inglaterra quatro anos antes e ela continuava a sentir saudades terríveis dele.

De súbito, Lord Hayden deixou de se mostrar tão austero. Uma expressão mais afável suavizou o seu rosto magnificamente esculpido.

– Considerava-o um amigo – disse ele. – Conhecemo-nos em rapazes. A propriedade da família não fica muito distante da propriedade de Easterbrook no Oxfordshire.

Timothy havia sempre aludido a uma relação especial com Easterbrook e a família dele, nascida do facto de serem vizinhos na província. Não era, claro, uma relação suficientemente próxima para que os cartões de visita de Timothy suscitassem uma resposta. No entanto, se a amizade era entre Benjamin e Hayden Rothwell, estavam explicadas algumas coisas como, por exemplo, a razão por que Lord Hayden estivera presente na missa fúnebre.

– Também combateu na Grécia, não é verdade? – perguntou ela, contente por explorar este tópico que o tornava menos severo e se prendia com o seu adorado Benjamin.

– Sim, fui um desses filelenos idealistas que alinharam pela causa grega contra a Turquia. Estive lá no princípio da guerra, ao mesmo tempo que o seu primo. Ao contrário dele e de Byron, tive a felicidade de sobreviver à aventura.

Ela imaginava Benjamin, sempre otimista, um homem tão cheio de vida e alegria que se tornava imprudente, combatendo como um herói pela liberdade de um povo, diante de um templo antigo numa colina. Nutria um carinho especial por essa sua imagem. Como Lord Hayden também lá estivera, não se importava assim tanto que ele tivesse catalogado a sua aparência banal.

Estava a fazê-lo de novo, mas não era o seu vestido que estava a contemplar. Era o seu rosto e... *ela própria*.

– Perdoe-me, Miss Welbourne, não quero ser petulante mas os seus olhos têm uma cor rara. Como violetas. É desta luz ou já alguém comentou o facto?

– Não é da luz. Essa cor é o meu único traço característico.

Ele não discordou, o que ela considerou pouco galante. Ele avaliou a resposta dela e expressou então a sua:

– Ele falava de si com respeito e afeição. O Benjamin, na Grécia. Não de nome. Mas dos olhos cor de violeta... recordo essa referência. Não reparei na missa fúnebre que tinham essa cor senão ter-lhe-ia dito então, por pouco conforto que pudesse ter proporcionado.

O coração dela encheu-se de uma emoção doce e perfeita apesar da dolorosa nostalgia que a provocara. Quase não conseguiu reprimir a sua reação e os seus olhos nublaram-se. Benjamin falara dela nos dias que antecederam a sua morte. Fizera confidências ao homem que agora estava sentado com ela na sala de visitas. Lord Hayden estava a par do amor entre eles e dos seus planos. Tinha a certeza que sim.

Já não lhe importava a finalidade da sua visita. A sua gratidão por este pequeno sinal de que Benjamin a amara verdadeiramente, de que tinha a intenção séria de desposá-la, era tão intensa que, nesse momento, seria capaz de lhe perdoar tudo.

Olhou para ele com muito mais benevolência. Era um homem muito atraente, agora que se permitia reparar. E parecia não ser também inteiramente austero. Afinal, a expressão dura em redor dos seus lábios era algo que tinha herdado. Não podia ser responsabilizado se a estrutura óssea do seu rosto fosse angular e não suave e aprazível.

– Obrigada pelo que me disse. Ainda tenho imensas saudades do meu primo. Comove-me que ele tenha pensado em mim enquanto esteve ausente.

Ansiava que ele repetisse exatamente o que Ben dissera. Se tencionava fazê-lo, a sua intenção foi frustrada. Timothy escolheu esse preciso momento para entrar na sala.

Timothy exibia um aspeto deveras doente, com uma cor rosada e olhos vidrados. Ela perguntou-se se ele estaria com febre. No entanto, o criado de quarto havia-o arranjado com esmero, de modo que o seu cabelo cor de palha e o rosto afogueado encimavam um fraque e uma gravata que revelavam a sua tendência para o excesso no vestir.

– Rothwell.

– Obrigado por arranjares tempo para me receber, Longworth.

Alexia levantou-se imediatamente e despediu-se. O seu coração ainda vibrava de felicidade por ter sabido que Benjamin falava dos seus olhos aos seus amigos solteiros enquanto estivera na Grécia. Todavia, não podia ignorar que uma atmosfera de más notícias se apoderara da casa.

Pegando no cesto de costura, Alexia saiu para o jardim para fazer companhia às primas. A hera e o buxo não se aproximavam da glória estival do jardim mas o sol suavizava um pouco o frio e a ausência de vento tornava-o acolhedor.

Roselyn e Irene estavam sentadas a uma mesa de ferro, onde tinham pousado dois chapéus de fitas e montes de laços e artigos de retrosaria. Alexia decidiu não mencionar o visitante lá dentro. Talvez a premonição que ainda pulsava sob a alegria recente não tivesse fundamento.

– Demoraste muito tempo – queixou-se Irene. – Levantou um dos chapéus. – Continuo a dizer que este não tem remédio e que devia comprar um novo. O Timothy disse que eu podia.

– O nosso irmão está sempre pronto para gastar dinheiro – disse Roselyn. – Se não queremos que a tua apresentação à sociedade nos arruïne, temos de ser frugais sempre que pudermos.

– O Timothy não fala em frugalidade. Só tu é que falas. E tão-pouco vou debutar como deve ser, por mais chapéus e toucados que tenha. – Um registo insolente pairava na voz de Irene. – Não vou ser convidada para os melhores bailes. Todas as minhas amigas mo disseram.

– Pelo menos vais *debutar* – disse Roselyn. – Preferes ser irmã de um banqueiro importante ou irmã de um fidalgo de província empobrecido? Devias agradecer a Deus por os nossos irmãos terem investido neste empreendimento. Se estivéssemos no Oxfordshire, terias sorte se conseguisses um chapéu novo por ano e serias muito cuidadosa a escolhê-lo em lugar de comprares três que não te assentam bem.

Alexia instalou-se entre elas, esperando pôr fim à discussão ao interpor uma barreira. Sendo a mais nova das irmãs Longworth, Irene não sabia dar valor à prosperidade trazida pela decisão de Benjamin, oito anos antes, de investir no banco. Apenas via o que perdera em termos de estatuto e não pesava essa perda contra o luxo que fora conquistado.

Aos vinte e cinco anos, Roselyn recordava os anos difíceis quando as dívidas determinaram a venda das suas propriedades no Oxfordshire. Ela própria não pudera debutar quando atingiu a idade e as suas hipóteses de se casar eram remotas. Quando o mais recente sucesso do banco produziu uma longa sucessão de pretendentes, mostrara-se cética e seletiva. Alexia suspeitava que Roselyn não apreciava o facto de todos esses jovens adoradores só se terem apaixonado por ela depois de a família enriquecer.

– Podemos substituir a fita de cetim cor-de-rosa por esta amarela – sugeriu Alexia. – E olha aqui, posso aparar a palha dos lados e assim o laço fica-te mais chegado à cara.

– Vou detestar. Não gosto de chapéus transformados, mesmo com a tua habilidade. Fica com ele, se quiseres. Também podes ficar com o vestido que o acompanha para não teres de usar mais esse de cintura alta. Vou dizer à minha criada que é para ti a fim de ela não lhe deitar a mão primeiro.

Alexia olhou para as fitas coloridas que reluziam ao sol. Irene não era cruel por natureza, apenas jovem e mimada, graças aos hábitos gastadores do irmão.

Um pesado silêncio instalou-se entre elas. Irene pegou no chapéu, examinou-o e atirou com ele.

– Pedes desculpa – disse Roselyn numa voz ameaçadora.
– Estou com vontade de te mandar para a província. Londres está a dar-te a volta à cabeça, o que te fica muito mal. Esqueces-te de quem és.

– Não se esquece nada – ripostou Alexia. Imediatamente desejou não ter falado mas as palavras haviam saído, carregadas de animosidade e ressentimento.

Inspirou fundo para se acalmar.

– E eu também não me esqueço de quem sou. Só tu é que esqueces porque tens um coração de ouro. Toda a gente sabe que estou dependente desta família, sou uma parente pobre que devia estar grata pelas roupas que as minhas primas já não querem. Todas as garfadas que levo à boca se devem à caridade do vosso irmão.

– Oh, Alexia, não tive intenção... – O rosto de Irene crispou-se de arrependimento.

– Isso não é verdade – disse Roselyn. – És uma de nós.

– É verdade, sim. Há anos que me adaptei à minha situação. Não me importo.

Mas importava. Tentava não se importar, mas incomodava-a. A humildade e gratidão que se exigia da sua situação por vezes escapava-lhe, especialmente porque, de início, não se sentira obrigada a adotar essa atitude retraída.

O seu declínio fora inevitável quando a propriedade da família passou para um primo em segundo grau. Não fora, todavia, convidada a viver com esse herdeiro como o pai havia presumido. Com dezoito anos acabados de cumprir,

fora forçada a escrever aos Longworth, primos pelo lado da mãe, a pedir que a acolhessem. Não contribuíra com nada, para além de vinte libras por ano e um talento para transformar chapéus.

Benjamin, o mais velho, nunca a deixara sentir-se em dívida apesar de a sua chegada ter coincidido com o lançamento do seu projeto e de, no primeiro ano, a situação financeira não ser muito folgada. Sempre com um sorriso nos lábios e bem-disposto, recusara-se a permitir uma postura de subserviência reservada da parte dela. Só depois da morte dele é que a realidade da sua situação se tornara clara. Enquanto Ben assumira a responsabilidade de prover às suas necessidades como às das irmãs, Timothy não. Agora, nas visitas às modistas de Londres, só prestava conselhos. Timothy considerava-a o fardo que ela era ao passo que Benjamin a encarara como...

Uma recordação ciosamente guardada do amor, o eco de uma emoção profunda e tocante, apertou-lhe o coração. Ele encarara-a como uma prima querida e uma amiga querida e, no último ano, aludira a muito mais. Se o que Lord Hayden dissera era verdade, não o interpretara mal. Se Ben tivesse regressado da Grécia, ter-se-ia casado com ela.

Pegou no chapéu.

– Obrigada, Irene. Dá-me muito gosto ficar com ele. Acho que lhe vou pôr uma fita azul. O rosa e o amarelo nunca disseram bem com o meu cabelo e a minha pele.

Roselyn captou o olhar de Alexia com uma expressão contrita. A que Alexia lhe devolveu continha a sua própria mensagem: *Nasci filha de um fidalgo mas aqui estou agora, com quase vinte e seis anos, sem fortuna e sem futuro. É assim a vida. Peço-te, não te compadeças de mim.*

– Quem é aquele? – perguntou Irene, interrompendo a conversa silenciosa. – Lá em cima, à janela da sala.

Roselyn virou-se a tempo de ver o cabelo escuro e os ombros largos antes de o homem se afastar da vidraça.

– Temos um visitante? O Falkner devia ter-me chamado. Alexia começou a remover a fita cor-de-rosa.

– Ele pediu para falar com o Timothy e para não seres incomodada.

– Mas o Timothy está doente.

– Mesmo assim, levantou-se da cama.

Alexia sentiu a atenção de Roselyn sobre ela enquanto se atarefava com o chapéu.

– Quem é? – perguntou Roselyn.

– Rothwell.

– Lord Elliot Rothwell? O historiador? Que assunto...

– O irmão, Lord Hayden Rothwell.

Irene abriu muito os olhos. Saltitou e bateu palmas.

– Ele veio cá? Ainda desmaio. É tããã atraente.

Roselyn franziu a testa. Olhou para a janela.

– Valha-me Deus.

– Estiveste a beber, Longworth – disse Hayden. – Estás suficientemente sóbrio para ouvir e registar o que eu digo?

Longworth enterrou-se confortavelmente no sofá azul.

– Sóbrio de mais.

Hayden examinou Timothy Longworth. Sim, estava sóbrio, o que era bom pois o que lhe queria dizer não podia esperar. As hipóteses de sucesso do plano diminuía de hora para hora.

– Passei os últimos dois dias com o Darfield enquanto te refugiaste na cama a beber – disse ele. – O banco deve sobreviver à crise atual, se fizeres como eu digo.

– Eu disse ao Darfield que sobrevivia. Ele é como uma velha e estava com receio que as reservas estivessem demasiado baixas mas eu disse-lhe que estávamos solventes.

– Só vai sobreviver porque eu tomei ontem a decisão de lá manter os depósitos da família. Assim que se espalhou a notícia, foi suspensa uma corrida que começou esta manhã.

– Houve uma corrida? – Longworth teve a decência de se mostrar mortificado. – Eu sei que devia lá ter estado.

– Pois é, devias lá ter estado.

– Mas o pior passou? Dizes que se evitou o perigo.

– Dificilmente. Apesar de ter escapado hoje, o banco continua em grave perigo. Além disso, estou a reconsiderar a minha posição. É uma decisão difícil porque, se retirar o dinheiro da família, o banco entra em falência. E, se entrar, é certo e sabido que vais parar à forca.

Longworth paralisou. Transformou-se numa estátua prostrada de indiferença.

Hayden abominava o seu envolvimento com Timothy Longworth. Havia garantido o crescimento do banco com fundos e depósitos familiares, a fim de ajudar um bom amigo. Não se envolvera para salvar a pele a este irmão mais novo.

Longworth abriu-se num sorriso. A expressão tornava-o mais parecido com Benjamin, apesar da sua tez clara, que contrastava com o cabelo e olhos escuros de Ben. Era uma parecença que Hayden preferia não ver neste momento.

– Estás a falar metaforicamente, claro, quando dizes «forca». Embora a ruína seja pouco melhor, pelo menos não é a morte.

– Quando digo forca, quero dizer forca. Cadafalso. Corda. Morte.

– Os bancos estão sempre a falir. Nas duas últimas semanas faliram cinco só em Londres e na província foram dezenas. Não é crime nenhum. É o que acontece numa crise financeira.

– Não é a falência do banco que te vai mandar para a forca mas o que a sindicância subsequente revelaria.

– Garanto-te que não é nada que me faça correr perigo.

A paciência de Hayden estava a esgotar-se depressa. Não dormira na noite anterior, procurando com Darfield deslindar a confusão escondida nas contas do banco. A fúria que mal conseguira reprimir ao tomar conhecimento do pior ameaçava agora soltar-se.

– Decidi deixar o dinheiro da família no teu banco, Longworth, mas fiquei preocupado com a minha tia e a filha dela. Os fundos a três por cento que lhes pertencem são tudo o que têm e vivem na dependência do rendimento. Enquanto fiduciário delas, não podia correr esse

risco. Por conseguinte, decidi retirar essa parcela, essa pequena parcela.

Longworth inclinou a cabeça como se este preâmbulo o deixasse confuso mas os primeiros sinais de pânico cintilaram nos seus olhos.

– Imagina o meu choque quando descobri que os fundos consolidados delas tinham sido vendidos e que a minha assinatura, enquanto fiduciário da minha tia, tinha sido falsificada.

Começaram a formar-se pequenas gotas de suor na fronte de Longworth.

– Calma aí, estás a insinuar que *eu* falsifiquei...

– Tenho provas de que cometeste repetidas vezes o crime de falsificação. Forjaste também outras assinaturas para vender outros títulos. Continuaste a pagar o rendimento para que ninguém suspeitasse mas roubaste dezenas de milhares de libras.

– Uma ova é que roubei! Estou chocado e indignado com essa notícia. Deve ter sido o Darfield.

Hayden aproximou-se em passos largos, agarrou Longworth pelo colarinho e levantou-o do sofá.

– Não te atrevas a denegrir o bom nome desse homem. Juro que, se me mentires agora, lavo daí as minhas mãos e deixo-te ir parar à forca.

Longworth levantou os braços para tapar a cara, retraíndo-se perante a bofetada adivinhada. O seu medo refreou e enojou Hayden. Atirou Longworth de novo para o sofá.

Timothy encolheu-se, cobrindo a cara com as mãos. Um silêncio ameaçador encheu a sala, pulsando com a raiva de Hayden e o desespero palpável de Longworth.

– Já contaste a alguém? – A voz de Longworth soou quebrada com a emoção.

– Só o Darfield sabe e teme as implicações para todos os bancos se este esquema se tornar conhecido dentro do estado de espírito geral que reina na City. – Hayden imaginara este horror demasiadas vezes nos últimos dois dias. Pressupunha-se que os «fundos», os títulos do governo

sólidos depositados em *trusts* e rendendo juros a inúmeras mulheres, servidores e filhos e filhas mais novos, estavam seguros. Os bancos apenas os mantinham para os seus clientes. Supostamente, o dinheiro não era vulnerável.

Timothy Longworth havia quebrado uma relação de confiança sagrada ao falsificar esses nomes e apropriar-se desse capital. Se viesse a saber-se, o pânico atual aumentaria dez vezes mais.

– Que diabo te passou pela cabeça, Longworth?

– Fi-lo pelo banco. Estávamos numa situação vulnerável; as reservas estavam em baixo. Fi-lo para proteger os depósitos...

– Não, *com mil diabos!* – Só quando Longworth se sobressaltou é que Hayden se apercebeu de que gritara. – Fizeste-o para comprar esta casa e essa casaca e as carruagens em que te deslocas com a tua amante dispendiosa.

Timothy começou a chorar. Constrangido com esta reação, Hayden afastou-se e olhou pela janela.

No jardim, um par de olhos violeta olharam na sua direção, voltando então a pousar sobre fitas e palha. *Olhos que lembravam violetas na sombra fresca e uma forma elegante que sugere glórias ocultas.* Assim falara Benjamin de Miss Welbourne, uma noite na Grécia, sob o efeito do álcool. Não inteiramente com respeito mas houvera afeição na sua voz, pelo que Hayden não lhe havia realmente mentido. Mas quando viu a sua reação, as lágrimas a ameaçar saltar e a forma como o seu rosto se adoçara, desejou não ter dito uma palavra.

Não era um rosto belo mas os olhos tornavam esse facto irrelevante. A sua cor invulgar cativava, primeiro, e depois notava-se que refletiam um espírito intenso e uma mente inteligente. Transparecia igualmente uma experiência do mundo, como se esta mulher compreendesse bem de mais as realidades da vida. Sentado sob a mira inexorável daqueles olhos, esquecera-se por momentos da horrível missão que o levava àquela casa nesse dia.

Uma boca como uma rosa, com néctar igualmente doce. Aparentemente, Ben brincara com mais do que as emoções

de Miss Welbourne. Nada de surpreendente nisso. Um homem a transbordar de vida como era Benjamin Longworth brincava com muitas mulheres.

Roselyn e Irene Longworth, as irmãs de Benjamin, estavam sentadas ao sol com Miss Welbourne. A mais velha era uma mulher atraente, de pele clara, cabelo dourado-escuro e feições doces. Distinguia-se pela sua beleza mas era, segundo a opinião geral, orgulhosa. O cabelo da mais nova era longo e claro, a sua figura franzina e ainda infantil.

Sentiu uma presença ao seu lado. Longworth levantara-se do sofá. Olhou igualmente para as três mulheres no jardim.

– Meu Deus, quando elas souberem...

– Juro que da minha boca nunca saberão a verdade. Se conseguirmos salvar-te a pele, podes contar-lhes as mentiras todas que quiseres. Um falsificador e ladrão deve ser capaz de inventar boas mentiras.

– Salvar-me a... é possível? Oh, misericórdia, seja o que for... de que maneira for...

Hayden esperou que Longworth retomasse mais uma vez a compostura.

– Quanto, Longworth?

Ele encolheu os ombros.

– Vinte mil, talvez. Não foi por mal. Juro. Da primeira vez, foi uma espécie de empréstimo para pagar uma dívida inesperada...

– Não é quanto roubaste. Quanto tens?

– Tenho?

– A tua única hipótese é reembolsar toda a gente sem exceção. Com o que tens e com promissórias que assines.

– Isso é o mesmo que admitir!

– Mas se ninguém for lesado...

– Bastava uma só pessoa falar para eu ser...

– Condenado à força. Sim. Uma falsificação seria o suficiente. Terás de esperar que se satisfaçam com o reembolso e compreendam que só o silêncio garantirá esse reembolso. Falarei a teu favor, o que talvez ajude.

– Reembolsar toda a gente? Vou ficar arruinado. Completamente arruinado.

– Mas *vivo!*

Longworth agarrou-se ao peitoril da janela para se equilibrar. Voltou a olhar para fora e os seus olhos humedeceram-se.

– O que é que lhes vou dizer? E a Alexia... se ficarmos reduzidos aos rendimentos das rendas rurais, se também tiver de usá-los para pagar as dívidas, não posso sustentá-la. – Como se lhe tivesse ocorrido um novo horror, o seu rosto ensombrou-se.

Hayden adivinhou a razão.

– Também roubaste os parques fundos que ela tem? Não inspecionei as contas mais pequenas.

As faces de Longworth avermelharam-se.

– És um escroque, Longworth. Agradece a Deus de joelhos, esta noite, que eu tenha uma dívida de dever e honra para com o teu irmão.

Timothy não estava a ouvir. Os seus olhos vidraram-se ao encarar o futuro.

– A Irene ia ser apresentada à sociedade esta época e...

Hayden fechou os ouvidos à iminente litania de agravos. Havia concebido uma forma de salvar a vida a Longworth e de evitar revelações que levariam o pânico atual a uma situação de total descontrolo. Não podia poupar Longworth à ruína que a sua solução acarretaria.

Invadia-o um cansaço profundo, causado por uma longa noite de reflexões, fúria e decisões morais.

– Senta-te. Vou dizer-te quanto é necessário e determinaremos como vais pagar.

